

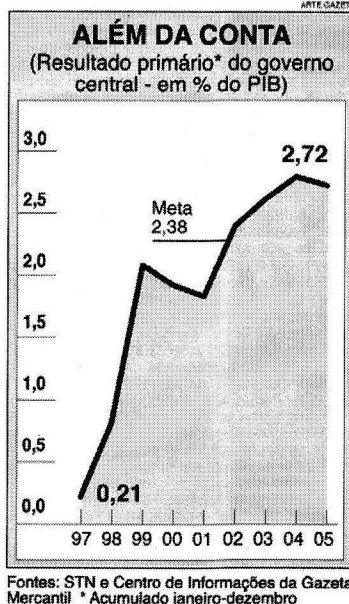
Superávit primário ultrapassa meta e chega a R\$ 52,5 bi

Levy informa que dívida foi 51% do PIB em 2005, mas volta atrás e diz que resultado sai 2ªfeira

LORENNNA RODRIGUES
BRASÍLIA

O Governo Central (Tesouro Nacional, Previdência Social e Banco Central) registrou superávit primário de R\$ 52,5 bilhões em 2005. O número corresponde a 2,72% do PIB estimado para 2005, superando em 0,34 pontos percentuais a meta para o ano, que era de 2,38%, mesmo com o esforço de governo de gastar as sobras da meta de superávit. A relação ficou ligeiramente abaixo da registrada em 2004, quando o superávit primário do Governo Central representou 2,79% do PIB. Em dezembro, o Governo Central apresentou déficit primário de R\$ 4,1 bilhões, o que, segundo o secretário do Tesouro Nacional, Joaquim Levy, era esperado para o mês.

O desempenho do Tesouro determinou o resultado positivo em 2005, apresentando superávit de a R\$ 90,4 bilhões no ano. As contas do Banco Central apresentaram déficits de R\$ 312 milhões no ano. A Previdência Social também fechou o ano no vermelho, registrando déficit de R\$ 37,6 bilhões em



2005. Nas contas de dezembro, o Tesouro apresentou superávit de R\$ 2,8 bilhões, enquanto Previdência Social e Banco Central registraram déficits de R\$ R\$ 6,9 bilhões e R\$ 51,6 milhões respectivamente.

A receita do Governo Central cresceu 16,4% em 2005 em relação ao ano anterior. Em 2004, a receita total representava 23,75% do PIB. No ano passado, esse número saltou para 25,26%. Levy afirma que isso não significa aumento na carga tributária. “Não houve aumento de alíquota ou esforço para alcançar novas pessoas, pelo contrário, o esforço foi pela desoneração.”

Segundo Levy, o aumento na receita seria reflexo de uma maior arrecadação no Imposto de Renda – que passou de 5,83% do PIB em 2004 para 6,45% no ano passado – e da Contribuição sobre o Lucro Líquido (CSLL), que aumentou de 1,16% do PIB em 2004 para 1,35% em 2005. “Atribuo o aumento na arrecadação desses dois impostos ao crescimento da lucratividade das empresas, que foi 2,3 vezes maior do que nos anos anteriores em 2005.”

As transferências para estados e municípios cresceram R\$

16,3 bilhões, 24,2% a mais do que em 2004. As despesas do Tesouro Nacional aumentaram 16,5%. Gastos com custeio e capital aumentaram 22,3%, passando de R\$ 91,1 bilhões em 2004 para R\$ 111,4 bilhões no ano passado. Dos R\$ 21,9 bilhões previstos no orçamento de 2005 para investimentos no ano passado, apenas R\$ 15,9 bilhões foram gastos. Ainda assim, os investimentos em 2005 superaram em R\$ 5,4 bilhões o valor do ano anterior.

Os gastos da Previdência Social com benefícios representaram 7,55% do PIB no ano passado. Em 2004, a relação era de 7,12%. Levy comemorou a desaceleração no crescimento de alguns benefícios, como o auxílio-doença, que aumentou 31,8% em 2004 e 17,3% em 2005. “Por mais que esses gastos estejam crescendo, no momento em que você consegue fazer com que algumas coisas cresçam mais devagar, começa-se a gerar uma poupança, o que leva a uma eventual redução de impostos”.

O BRASIL E A ONÇA

Em ano eleitoral, o governo decidiu fazer propaganda de sua menina dos olhos – a economia. A Secretaria do Tesouro Nacional divulgou ontem um relatório intitulado “O Brasil virando onça” (com direito a foto de oncinha na capa) apresentando o desempenho dos principais indicadores econômicos dos últimos 25 anos.

O relatório afirma que, mesmo com todo o esforço fiscal feito em 2005 – que resultou em um superávit primário de 2,72% nas contas do governo – a dívida líquida apresentou leve queda no ano passado, variando de 51,7% do PIB em 2004 para 51,01% no ano passado.

Após divulgar os números, Levy voltou atrás no que diz respeito à dívida e informou que o resultado final da dívida só será divulgado na segunda-feira pelo Banco Central. Até novembro do ano passado a relação dívida líquida do setor público/PIB estava em 50,91%.

Mesmo desconsiderando a projeção para 2005, o estudo divulgado por Levy traz estimativas otimistas para o futuro da dívida pública: ela deverá fechar 2006 pouco acima dos 49% do PIB, chegando a 40,2% em 2011.

Já a relação dívida externa/exportações caiu sensivelmente nos últimos anos, passando de quase 400% em 2001 para 150% no ano passado.